

Larissa Dayene dos Santos Lima, 2°C de Agropecuária:

“Participar da MINIONU pra mim foi uma experiência incrível, de grande aprendizado e que com toda certeza vou levar para toda minha vida. Mesmo essa edição sendo online, consegui absorver o máximo de tudo. Queria destacar a organização que foi impecável em todos os momentos, tivemos todo o apoio necessário. Espero que ano que vem eu possa viver esse momento novamente, no evento presencial.”

Ana Luísa 2 ano:

“Participar do MINIONU foi uma experiência única. Os assuntos abordados foram de extrema importância, expondo fatos e situações graves que não recebem sua devida atenção, o que promoveu momentos de reflexão e debate. Foi emocionante ver que outras pessoas também se preocupavam com as questões em pauta e buscavam soluções para os problemas, o que me fez perceber que apesar de parecer difícil e exaustivo, existem outras pessoas e outras vozes gritando, ainda há esperança. Foi uma oportunidade que contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e intelectual, estimulando o pensamento crítico e meu posicionamento diante dos acontecimentos. Também foi muito divertido entrar em algo novo, conhecer outras pessoas, ouvi-las e compartilhar conhecimento. O MINIONU foi incrível e espero muito poder participar novamente no próximo ano”

Maria Clara da Agroindústria

“A MiniOnu foi uma experiência de grande valor para meu crescimento acadêmico e, principalmente, pessoal. Participar da cobertura do evento foi fundamental para ampliar minhas perspectivas sobre os assuntos tratados e estimular o senso crítico. Assim, tenho certeza que os aprendizados serão fundamentais para meu desenvolvimento em diversos aspectos, além de ter sido muito divertido.”

Lavínia Renata de Oliveira Turqueti, aluna do 2 ano de Agroindústria

“Participar da MINI ONU foi uma experiência incrível, como já se era esperado. Além dos temas serem extremamente interessantes por si só, são de grande importância social e política o que torna a simulação um excelente veículo de formação de posicionamentos. De forma

individual, foi de grande valor acadêmico e pessoal para mim, meu comitê despertou discussões novas e me deu a oportunidade de representar uma potência mundial em um contexto de tensão global, colocar-me nessa situação diante de uma emblemática como a da Antártica mudou a visão que eu tinha das Relações Internacionais. Por fim, diverti-me e aprendi muito com os workshops e conversas, espero poder desfrutar desse projeto mais vezes.”

Sara do 1 ano da Hospedagem

“A MiniOnu foi uma experiência ímpar, que além da convivência com outras pessoas e realidades, também trouxe a reflexão sobre a importância do debate na sociedade, o quanto tudo ao nosso redor poderia ser diferente se colocássemos a realidade em discussão e principalmente a importância da história em todo esse processo, de se conhecer a história e tê-la como norteadora das ações, pensamentos e opiniões. A MiniOnu me propiciou entender sobre um tema que eu antes não me importava muito e me fez ver a importância da minha voz para a mudança da realidade em que vivo e da realidade daqueles que me cercam”

Isabela Ferreira Oliveira, 3 ano de Química

“Ao longo de três dias, no início do mês de outubro, dez alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia estiveram participando do evento MiniOnu, uma simulação das reuniões das Nações Unidas realizado pelo Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas, com o fito de levar temas internacionais aos alunos do ensino médio. Durante o primeiro dia, foram realizados workshops e rodas de conversas, cuja temática principal se consistia na diversidade de gênero e sexualidade. Assuntos como a violência escolar de caráter homofóbico e transfóbico promoveram uma importante reflexão sobre a importância das instituições de ensino na formação de uma sociedade igualitária e livre de preceitos discriminatórios, bem como de uma instrução profissional aos professores voltada a resolver situações conflituosas que envolvam esse tipo de preconceito entre crianças, inserida em uma cultura severamente repressora e baseada em preceitos misóginos e heteronormativos. Além disso, pude aprender sobre os estigmas que rodeiam o HIV e a AIDS, em que revi diversos conceitos preconceituosos que possuía sobre a questão.

Nos dias das simulações, participei do comitê UNESCO (2021), que tratava sobre a

indústria cinematográfica dos povos do sul global – países africanos, latino-americanos e asiáticos. Meu período de preparação, embora corrido, foi facilitado por minha afinidade com o assunto e pelo auxílio de meus professores. Tive alguns desafios em representar um país de origem africana, o Níger, já que a maioria das informações denota um caráter estigmatizado, definindo-os e resumindo-os a povos que apenas vivenciam problemas sociais, políticos e econômicos, anulando e desvalorizando seus artefatos culturais. Ao final, o objetivo de meu comitê era justamente representar um país historicamente explorado, violentado e silenciado, lutando para que tais nações tenham um espaço merecidamente maior na indústria cinematográfica mundial. Discutir esse tema foi uma experiência sensacional para mim, principalmente porque pude reforçar, com os discursos dos delegados de diversos países, a ideia que tinha sobre a importância da sétima arte para a construção do imaginário popular, bem como os perigos e consequências da manipulação ideológica hegemonicamente feita através de uma cultura racista e etnocêntrica. Discutir alternativas para essa questão era de extrema importância, afinal, se um povo reivindica o direito da própria voz, ele reivindica o direito da própria existência.

A MiniONU foi uma experiência única para mim, por mais que tenha sido em um meio virtual. Ao final desse evento, pude adquirir uma maior autoconfiança e desenvolver a timidez, o que me ajudará no futuro. Mesmo que eu não chegue a participar nos próximos anos, saio do ensino médio com a certeza de que meu terceiro ano foi aproveitado da melhor forma com esse evento. Sugiro, portanto, que a escola continue a levar os alunos da nossa instituição, e os instrua a realizar excelentes discursos, seja através das pesquisas, seja através de simulações internas – ainda que menores - nesse mesmo estilo, com vistas de que o ensino se torna mais efetivo quando posto em prática.”

Fernanda Alves Romão, 2 ano de Química:

“Foi de um prazer imenso participar dessa edição da MINIONU, vemos várias vezes notícias e reportagens sobre as reuniões dos comitês, as repercussões que elas tomam e como as decisões tomadas durante esses encontros afetam a população global. E presenciar isso é uma sensação inexplicável, mesmo que seja apenas uma simulação, podemos sentir diretamente o que é ter o destino de um comitê das mãos, como é solucionar parte de um problema e como um passo em falso pode

custar centenas de vidas. É possível presenciar a importância de cada um dos comitês e como eles nos afetam. Em especial o comitê que eu escolhi, UNICEF (2016), ver uma causa que eu acredito ser tão bem representada, a dedicação de cada delegado, o empenho de cada membro da mesa e as expectativas de cada professor. Foi uma experiência única, desde a leitura do dossiê, até o encerramento da discussão. E mesmo que eu volte a participar no próximo ano, a sensação de estar pela primeira vez em um comitê, mesmo a distância, não se repetirá. Agradeço imensamente as professoras por essa oportunidade de aprendizado e pelo apoio durante esse projeto tão incrível.”

O MINIONU

O MINIONU é um projeto realizado pelo Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas que objetiva levar temas internacionais aos alunos do ensino médio. Ele insere-se no conjunto de simulações das Nações Unidas realizadas em todo mundo. É um projeto pedagógico com concepção abrangente de aprendizado.

Através do engajamento de estudantes do curso de Relações Internacionais, formam-se comitês (ambiente de simulação de organismos internacionais ou instituições nacionais com agenda internacional) que serão palco de discussões de temas relevantes da agenda internacional. Cada comitê procura reproduzir o que acontece na realidade. Os alunos do ensino médio transformam-se em delegados que defendem interesses do ator a ele atribuído.

Durante quatro dias os delegados, distribuídos em seus comitês, debatem, pactuam, deliberam e criam consensos para os temas em questão. Sendo assim, estará a prova não somente os conhecimentos, mas a capacidade de relacionamento, diálogo e gerência do imprevisto. “

Tokchan H. J. Campos:

“Quero ressaltar, primeiramente, que foi uma grande oportunidade ter participado do MiniONU, primeiro porque nos ajuda a cultivar a alteridade, segundo porque pude colocar em prática muitos dos conhecimentos que construímos ao longo de nossa formação, sobretudo as Ciências Humanas.

Além disso, participar desse tipo de debate torna possível refletir sobre várias perspectivas de um mesmo tema, inclusive até hoje tenho alguns ‘insights’ sobre a temática abordada no

comitê que participei. Somado a isso, destaco o quão animador foi fazer parte desse evento, ainda que remoto, o empenho e a colaboração dos envolvidos foi excepcional, também por isso acredito que essa experiência nos agregou muito.

Deveria sim ter ido melhor preparado, mas não vejo motivos para autocobrança em excesso, já que foi a primeira vez que participei de uma simulação desse tipo, definitivamente, aprendi muito. Enfim, agradeço a todos que colaboraram para que a nossa participação fosse possível, muito obrigado.

Deixo como sugestão:

Que as diretorias de pesquisa e extensão juntamente com os professores das humanidades do nosso campus possam criar modelos de simulação, de modo análogo ao miniONU, para cultivar a criticidade em nós - alunos - isso já acontece em outros IF's, o que torna esses estudantes melhor preparados para esse tipo de simulação. Dessa forma elenco esses outros fatores que tornam essa sugestão pertinente e possível de ser implantada é a "crise da dialética na atualidade" a qual é cada vez mais presente:

- O diálogo e o respeito à posicionamentos diferentes tem sido cada vez menos valorizado;
- O senso crítico frente as informações que entramos em contato deve ser fomentado, tanto para refutar pseudociência, quanto para identificar quando estamos diante de alguma fake news;
- Através do embate - construtivo - de ideias é possível desenvolver a criticidade;
- Construir argumentos para defender certos pontos de vista é algo que extrapola as redações, pois também auxilia na compreensão das teses e falácias que somos expostos diariamente;
- Por fim, acredito que o estimular debates é uma forma de fortalecer a ciência, dentro e fora do meio acadêmico, assim o apoio à criticidade dos discentes fora das aulas, mas dentro da instituição também é um sólido pilar da formação cidadã.”